

BLACK MIRROR, BANALIDADE DO MAL E MODERNIDADE: UMA ILUSTRAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA COLETIVA

Esther de Souza Alferino¹

Resumo: O presente ensaio fará uma reflexão sobre o episódio *Men Against Fire* (Engenharia Reversa, no título em português) da série britânica *Black Mirror*; embasada principalmente na filosofia da alemã Hannah Arendt, e sua questão sobre a Banalidade do Mal, dialogando com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que relacionou o Holocausto à Modernidade, e o sociólogo inglês Anthony Giddens. O texto trará a descrição do episódio mencionado em um tópico especial, e em seguida contextualizará a história abordada pela série com os autores escolhidos. A primeira autora trata da questão do *mal* em grande parte da sua obra, porém este ensaio se limitará aos estudos e reflexões que Arendt fez sobre o que ela considerou como *mal banal*, teoria formulada por ela a partir de estudos sobre o nazismo e o holocausto. Seguindo o mesmo tema o segundo autor escolhido afirma que o assassinato em massa da forma que se deu no holocausto é um fenômeno da sociedade moderna, e por fim, o último autor que fundamentará este ensaio, afirma que não vivemos na Era pós-moderna, e sim vivemos ainda as *consequências da modernidade* e suas peculiaridades, que leva os indivíduos a um alto grau de confiança no que ele chama de sistemas peritos. Com esses três autores centrais, o objetivo deste ensaio será relacionar os acontecimentos descritos no episódio escolhido com as teorias filosóficas e sociológicas, e refletir sobre a hipótese da sociedade contemporânea e tecnológica produzir novos genocídios baseados em questões étnicas e raciais, como no holocausto.

Palavras-chave: banalidade do mal; modernidade; consciência coletiva; genocídio; black mirror.

Abstract: This essay will reflect on the episode *Men Against Fire* of the British series *Black Mirror*; based mainly on the philosophy of the german Hannah Arendt, and her question about the Banality of Evil, dialoguing with the polish sociologist Zygmunt Bauman, who related the Holocaust to Modernity, and the english sociologist Anthony Giddens. The text will bring the description of the episode mentioned in a special topic, and then contextualize the story covered by the series with the chosen authors. The first author deals with the issue of evil in a large part of her work, but this essay will be limited to Arendt's studies and reflections on what she considered as banal evil, a theory formulated by her based on studies on Nazism and the holocaust. Following the same theme, the second author chosen states that mass murder as it happened in the holocaust is a phenomenon of modern society, and finally, the last author who will support this essay, states that we do not live in the post-modern era, instead we still live the consequences of modernity and its peculiarities, which lead individuals to a high degree of confidence in what he calls expert systems. With these three central authors, the objective of this essay will be to relate the events described in the chosen episode with philosophical and sociological theories, and to reflect on the hypothesis that contemporary and technological society produce new genocides based on ethnic and racial issues, such as the holocaust.

Keywords: banality of evil; modernity; collective conscience; genocide; black mirror.

1 Cientista Social pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: estheralferino@id.uff.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar de forma ensaística a problemática identificada no episódio *Men Against Fire* da terceira temporada da série britânica *Black Mirror*. A referida série, que atualmente é exibida pela plataforma de streaming Netflix, lançou em outubro de 2016 sua terceira temporada, com seis episódios que narram histórias independentes entre si, tendo em comum o caráter distópico e futurista.

O episódio que será tratado neste trabalho apresenta algumas questões que podem ser pensadas pelas óticas filosófica e sociológica, usando como fundamentos teóricos os trabalhos de Hannah Arendt a cerca dos sistemas totalitários e do que entendemos por maldade humana; o conceito de crença nos sistemas peritos, de Anthony Giddens; a reflexão sobre a modernidade como cenário perfeito para a industrialização do assassinato em massa, de Zygmunt Bauman; além de artigos que fazem releituras de tais conceitos. A partir destes fundamentos, o ensaio propõe demonstrar que bem como na Europa nazista, estudada por Arendt e Bauman, o episódio apresenta, de forma distópica, um possível futuro onde a obediência, a crença nas instituições e a educação moral, podem culminar em um novo genocídio baseado em questões raciais, com justificativas biológicas, que assim como o sofrido pelos judeus no século XX, não é questionado pelos sujeitos ativos, os que cumprem ordens militares, ou os passivos, a população civil.

Além de considerar relevante o estudo e tentativa de interpretação das séries televisivas e seu crescente alcance, também há de se pensar a importância sobre a reflexão, que se mostra muito atual, sobre a cultura da obediência e confiança no sistema e nas instituições, bem ilustrado no episódio escolhido.

A estrutura do ensaio conterà, além desta introdução, tópicos apresentando os fundamentos teóricos, bem como a descrição do episódio em maiores detalhes, o diálogo entre o enredo da série e as teorias, e uma breve conclusão, que chamarei de “considerações finais”, pois devido ao caráter ensaístico do trabalho, não ambiciona provar ou refutar hipóteses.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente ensaio se inspira na Teoria Filosófica de Hannah Arendt (2012, 1999) sobre a questão do “mal”. Arendt em seu livro *Origens do totalitarismo* trabalha com a ideia de mal radical, o mal que estaria na raiz da natureza humana, que teria se manifestado de forma explícita no Holocausto. Em *Eichmann em Jerusalém* Arendt retoma a temática do

“mal”, porém abandona a ideia de mal radical, ou mal total, e passa a trabalhar com a teoria que ela chamará de banalidade do mal.

Arendt, depois de ficar frente a frente com Adolf Eichmann, ex-oficial nazista capturado pelo governo israelense em 1961, passa a recusar uma ontologia ou uma patologia que explicassem o que ocorreu na Alemanha nazista, pois apesar da monstruosidade do resultado de suas ações, o homem não era um monstro, não era nada além de um funcionário público, um burocrata cumpridor de ordens, um sujeito absolutamente normal, ordinário; daí vem a questão da banalidade, pois segundo ela o mal se torna banal quando os indivíduos deixam de travar um diálogo silencioso consigo mesmo, com sua consciência, e passam a agir de forma irrefletida, automática, legitimando um poder totalitário a partir do reconhecimento de sua autoridade. Ainda segundo ela, na Alemanha nazista existia um tipo de mentalidade, que contribuía para o surgimento de sujeitos como Eichmann, pois os sistemas totalitários tendem a desumanizar os indivíduos, transformando-os em máquinas de obediência. Arendt afirma que a consciência é uma construção coletiva, portanto outras formas de regimes totalitários poderiam, em outro momento histórico, produzir novamente assassinatos em massa.

O sociólogo Zygmunt Bauman (1998), em seu livro *Modernidade e Holocausto*, está em acordo com Arendt ao trazer a expressão “engenharia social” como uma forma de explicar o que houve na Alemanha no século XX. Segundo Bauman, o Estado burocrático trabalha como um jardineiro moderno, que se põe como responsável por eliminar as ervas daninhas, permitindo assim a industrialização do assassinato, para ele, efeito da modernidade. O sociólogo Bauman, assim como a filósofa Arendt não busca explicação metafísica para o Holocausto, os dois encontram na sociedade moderna, científica, a responsabilidade técnica, que substituiu a responsabilidade moral e permitiu que ocorresse um genocídio na Europa no século XX. Ainda pensando a ideia de que eventos como o da Alemanha nazista são questões possíveis apenas na modernidade, este ensaio trabalhará com a ideia de confiança nos sistemas peritos, trazida por Antony Giddens (1991) em seu livro *As consequências da modernidade*. Segundo ele, para o indivíduo moderno não é possível ter acesso a todas as formas de funcionamento dos sistemas em que está inserido, portanto precisa ter confiança na perícia de quem atua nesses sistemas.

Utilizando este embasamento teórico, o presente ensaio pretende analisar o episódio *Engenharia Reversa (Men Against Fire)* da série *Black Mirror*, no intuito de estabelecer uma relação entre os eventos apresentados no episódio e os acontecimentos da Europa do século

XX, com seus regimes totalitários, e refletir sobre a possibilidade da sociedade moderna contemporânea reproduzir eventos semelhantes.

3. MEN AGAINST FIRE OU ENGENHARIA REVERSA

O seriado britânico *Black Mirror* passou a fazer parte do catálogo do serviço de streaming Netflix, e sua terceira temporada, lançada em outubro de 2016, teve seus seis episódios disponibilizados de uma única vez, possibilitando ao espectador assistir todos em sequência, o que os fãs de séries costumam chamar de “maratona”. Porém, esse seriado em particular, não tem um enredo único, cada episódio conta uma história independente, tendo em comum a atmosfera sombria, o caráter futurista, distópico e elementos de ficção científica. *Men Against Fire*, ou *Engenharia Reversa*, no título em português, é o quinto episódio da terceira temporada e nesta sessão o enredo do episódio será narrado em detalhes, para que fique claro o objetivo de usar a história contada em *Black Mirror* para ilustrar a atualidade da argumentação teórica escolhida para este ensaio.

O episódio de sessenta minutos de duração, conta a história do soldado Stripe, novato no exército, em serviço em um país estrangeiro, que a série não menciona, porém fica claro pela diferença do idioma dos soldados e dos moradores locais. O país de origem do exército também não é mencionado, bem como a data em que a história se passa, fato bastante comum na série, que demonstra com elementos do enredo se tratar de um tempo futuro. Stripe e seus companheiros do exército têm um objetivo bastante específico: proteger o território da ameaça das “baratas”, seres monstruosos, destrutivos, violentos e subumanos, que precisam ser exterminados para que a paz e a segurança da humanidade sejam preservadas.

Em sua primeira missão, Stripe vai até um vilarejo, onde as pessoas vivem de forma precária; o cenário, o figurino e a ambientação remetem à encenação típica feita pelo cinema para comunidades isoladas e atrasadas tecnologicamente. O povoado muito pobre, é habitado por pessoas de pele branca, que falam um idioma que em muito lembra as línguas faladas no leste europeu. Nesse vilarejo, os soldados encontram a dispensa de comida completamente revirada, vários itens haviam sido roubados e a geladeira estava quebrada. Os moradores atribuíram o atentado às “baratas” e acusaram um velho fazendeiro da região de protegê-las, dando comida, abrigo e passagem por suas terras. Uma parte dos soldados ficou na vila para atear fogo ao restante da comida que havia sido tocada pelas “baratas”, não serviam mais para o consumo; Stripe e o restante do grupo militar foram em direção à casa do fazendeiro.

Com a chegada do grupo à fazenda, fica claro para o espectador o tipo de tecnologia que os soldados dispõem naquele contexto. Cada soldado recebe uma espécie de implante, que eles chamam de máscara, que altera os sentidos; dá a eles visão de hologramas dos projetos arquitetônicos dos locais onde precisam entrar, visão panorâmica de todo o entorno e comunicação visual entre eles, sem que seja necessária a comunicação verbal.

O fazendeiro é interrogado pela líder dos soldados, enquanto Stripe e os outros fazem buscas pela casa, e acabam encontrando várias “baratas” escondidas em um quarto. Todas tem a face deformada, não falam, apenas emitem sons animais, e tentam fugir dos soldados. Stripe atira em uma delas, que carregava na mão um objeto pequeno, como uma espécie de lanterna com luz verde, que foi apertado antes que a “barata” caísse morta. Algumas outras conseguiram fugir, mas Stripe segura outra delas e a esfaqueia até a morte. O fazendeiro é levado preso e o grupo de soldados retorna para a base, porém Stripe sente que há algo de errado com seus reflexos e com os sinais da sua máscara.

O médico da base militar não identifica nenhum tipo de problema físico ou técnico no implante usado por Stripe, e o libera para a próxima missão, que é invadir um esconderijo de “baratas”, delatado pelo velho fazendeiro, após ser interrogado. No local da missão, Stripe sente que os problemas com a máscara aumentam, e seus reflexos estão ainda mais afetados. Logo um confronto começa entre as “baratas” que estão escondidas no local e os soldados, e a líder da missão é morta por uma “barata” armada. Stripe e uma companheira decidem entrar no local, já com as funções da máscara completamente comprometidos, Stripe encontra dentro do esconderijo uma espécie de laboratório precário, onde mais aparelhos parecidos com lanterna de luz verde estavam sendo fabricadas, além disso, ele se depara com pessoas, acuadas, com medo, tentando se defender.

No desenrolar dos acontecimentos, Stripe é ferido tentando proteger as pessoas que encontrou no esconderijo, mas sua colega militar continua perseguindo-os, tentando exterminá-los. Ele resolve fugir com uma mulher e seu filho, para salvar sua própria vida e a deles. A mulher falava o idioma de Stripe e explica que ela também é uma “barata”, que todos que estavam naquele esconderijo eram “baratas” e que o soldado deixou de vê-los como criaturas deformadas e monstruosas, pois o implante do exército havia sido danificado pela máquina inventada por uma das “baratas”. Ela explica também que o restante da população não os enxergava de maneira deformada, odiavam-os pois haviam sido ensinados a odiar; que há dez anos passaram a fazer exames genéticos em toda a população, e a partir daí uma triagem de quem era humano e quem era subumano, quem carregava em seu DNA defeitos

que não deveriam ser passados para as próximas gerações, por isso deveriam ser caçados e eliminados, garantindo a pureza da espécie humana.

Atordado com as informações, Stripe não se dá conta de que sua companheira de exército os encontrou. Ela mata a mulher “barata” e seu filho e leva o soldado de volta à base, onde um homem, que no início do episódio é apresentado como uma espécie de terapeuta do exército, explica a Stripe que a tecnologia das máscaras era a mais eficiente máquina de extermínio inventada pelo homem, pois era fácil puxar o gatilho quando se enxergava um monstro. A empatia entre seres humanos atrapalhava a eficiência do soldado, todas as guerras do século XX eram prova disso, pois os soldados demonstravam mais compaixão do que deveriam para com os inimigos e os que cumpriam seu dever retornavam com sérios transtornos psicológicos causados pelo trauma de ferir e matar semelhantes. O homem explica ainda que a triagem de DNA, feita em toda a população, revelou quais as pessoas eram propensas a doenças degenerativas, perversões sexuais, falhas genéticas e inclinação criminosa, e a continuidade da espécie humana dependia diretamente da eliminação dessa ameaça biológica; que em alguns anos, o trabalho de soldados como ele tornaria o mundo livre de impurezas e imperfeições. Apesar da revolta de Stripe, o homem dá a ele apenas duas opções: viver em prisão perpétua recordando tudo que havia feito, consciente de que não existiam “baratas”, ou seguir realizando seu trabalho, tendo a possibilidade de ter todas as memórias traumáticas apagadas, voltando a ter um chip implantando, voltando a enxergar pessoas de forma monstruosa, crendo na nobreza do trabalho de eliminá-las. O homem também mostra a Stripe um vídeo feito no dia de seu alistamento, onde ele dá seu consentimento para que seja implantado o chip, confiando plenamente seu futuro ao exército, e de sua permissão para que a memória daquele consentimento fosse deletada, para que seu cérebro pudesse crer na veracidade do que veria a partir daí.

Stripe fica com a segunda opção, ele escolhe não ter que se lembrar todos os dias, até sua morte, que caçou e tirou a vida de semelhantes, que fez parte de um esquema de eugenia, de higienismo racial. Stripe escolheu a ignorância, escolheu entregar-se de novo ao sistema.

4. CRENÇA E CONFIANÇA NOS SISTEMAS PERITOS

O sociólogo Anthony Giddens, em um de seus mais importantes trabalhos, As consequências da modernidade, afirma vivermos tempos em que o homem leigo, o homem comum, acredita ser menor diante do saber altamente especializado. “[...] sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes

material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p. 35). A partir da crença na existência de sistemas especializados em atuar em cada área, os sujeitos passam a consentir que tais sistemas atuem por eles, já que não é possível a um indivíduo dominar tudo o que está à sua volta. Quanto mais complexa e tecnologicamente desenvolvida a sociedade, maior a crença e a confiança dos cidadãos nos sistemas peritos. Poucas pessoas sabem como funciona um avião, porém cada vez mais pessoas andam de avião; a maior parte dos sujeitos não possui nenhum tipo de conhecimento sobre medicina, mas não é por isso que deixam de consultar médicos, ou tomar remédios e submeter-se a cirurgias, confiando que o profissional que fez aquela indicação ou diagnóstico possui o conhecimento e preparo necessários para tal.

No episódio a que este ensaio se dedica, podemos identificar a crença nos sistemas e profunda confiança na perícia das instituições em três exemplos importantes. Primeiro quando o personagem principal autoriza, em seu alistamento, que seja implantando em seu corpo um chip que alteraria seus sentidos e sua memória. Depois, quando fica claro que toda a população acreditou no sistema de triagem genética e passou a excluir aqueles que o sistema determinava que deveriam ser excluídos. E por fim, quando a população civil aciona as forças militares para que possa combater por eles o suposto inimigo, confiando aos militares sua segurança.

Segundo Giddens, é apenas na modernidade que relações de confiança em sistemas se estabelecem dessa forma. Na antiguidade os homens precisavam dar conta de quase tudo que cercava suas vidas, a especialização só tornou-se convencional a partir da maior divisão do trabalho, típico da modernidade. A maior divisão do trabalho e a especialização das funções cada vez mais intensificadas trazem consigo outro fenômeno característico da modernidade, a burocratização da vida política e social, tema tratado mais profundamente pelo sociólogo Zygmunt Bauman, e que exploraremos na próxima sessão.

5. ENGENHARIA REVERSA E ENGENHARIA SOCIAL

Em sua obra *Holocausto e Modernidade*, Bauman ressalta a importância que a burocracia teve no desenrolar dos acontecimentos que culminaram no holocausto. Segundo ele, a modernidade e a grande malha de burocracia que se desenvolveu com ela foram determinantes para o surgimento do que ele chama de “engenharia social”, onde o Estado é responsável pela manipulação da vida pública, desumanizando o indivíduo, naturalizando a mentalidade racista, que ele também afirma ser uma modalidade de pensamento moderno, e permitindo a industrialização do assassinato em massa.

Assim como Arendt, Bauman busca uma explicação não-metafísica para o genocídio sofrido pelos judeus na Europa. Os dois autores não aceitavam a ideia de que o massacre de um povo era resultado de algum tipo de monstruosidade ou de psicopatia coletiva, O holocausto foi o encontro único entre as velhas tensões que a modernidade sempre ignorou, desdenhou ou fracassou em resolver, e os poderosos instrumentos da ação racional e eficaz aos quais a evolução moderna deu origem (BAUMAN, 1998, p. 20).

Para Bauman (1998), o holocausto foi um efeito da própria modernidade, a civilização moderna, altamente especializada e burocrática, forneceu as condições necessárias para que a responsabilidade moral fosse substituída pela responsabilidade técnica; para que a ciência pudesse usar argumentos higienistas, pretensamente desprendidos de valores da antiguidade, e com isso, a industrialização do genocídio pudesse ser calculada e executada.

Assim como na “Engenharia Social” de Bauman (1998), onde a modernidade é condicionante para a barbárie do genocídio industrializado, na “Engenharia Reversa” de Black Mirror, não seria possível calcular e executar a triagem e a caça aos indivíduos considerados prejudiciais ao futuro da humanidade, em um contexto em que a ciência e a tecnologia não estivessem desenvolvidas àquele ponto. Tanto na teoria de Bauman (1998) sobre a Europa nazista, quanto no episódio supracitado, a modernidade é o único cenário em que tais eventos seriam realizáveis: “A civilização moderna não foi a condição suficiente do holocausto, mas ela foi sua condição necessária. Sem ela o holocausto seria inimaginável” (BAUMAN, 1998, p. 40).

6. O HOMEM ORDINÁRIO E AS CONSEQUÊNCIAS DO MAL BANAL

O ato de pensar, segundo Arendt, é um ato silencioso do indivíduo consigo mesmo, pressupõe reflexão. Segundo ela, quando o homem deixa de travar esse debate interno, quando existe ausência de reflexividade e as atitudes são tomadas de forma automática, o indivíduo abre mão do pensar, fica sujeito à obediência cega e a vida baseada em cumprimento de ordens. Foi o que Arendt concluiu acerca do ex-oficial nazista Adolf Eichmann, após acompanhar todo seu julgamento em Jerusalém, em 1961. Hannah Arendt era judia alemã, viveu nos Estados Unidos após conseguir escapar do nazismo europeu; e por sua origem, toda a comunidade judaica esperou ansiosa por seu relato sobre o julgamento do homem que durante muito tempo foi considerado figura central no que os nazistas chamavam de “Solução Final para a questão judaica” (ARENDR, 1999, p. 99). Os judeus por todo mundo esperavam que Arendt descrevesse o julgamento de um monstro, e quando finalmente

a revista *The New Yorker* publicou o relato, que depois se tornaria um dos livros mais importantes do século XX, não apenas os judeus, mas o mundo todo, que acompanhava a espetacularização do julgamento, se frustrou, pois a Arendt usou a história para escrever um tratado filosófico. Não narrou a monstruosidade, pois segundo ela, Eichmann não era nada além de um homem comum, medíocre, e que a extensão de seus atos só tiveram tamanha proporção pois faziam parte de um sistema e um contexto muito maiores do que o homem que executava as ordens.

Assim como Bauman (1998), Arendt (1999) recusava explicação metafísica para o genocídio, e afirma que as ações e responsabilidades individuais na modernidade tem caráter político, portanto o mal não é fruto da monstruosidade, não é demoníaco e tampouco biológico, mas sim um ato político e deve ser pensado em suas dimensões políticas.

Em *As origens do totalitarismo*, livro escrito antes do julgamento de Jerusalém, Arendt já afirmava que a consciência não é individual ou natural, sendo, portanto, construção coletiva. Desta forma, de nada vale invocar a consciência pessoal de um soldado, ou de um burocrata de partido, como Eichmann, pois naquele contexto existiu um tipo de mentalidade que contribuía para o surgimento de indivíduos que abandonavam a reflexividade e se entregavam à obediência automática e ao cumprimento do dever.

A legitimação de um poder totalitário também se dá pela crença e confiança no sistema, ela só se dá a partir do reconhecimento da autoridade de quem detém o poder. A partir disso, surge um tipo de criminoso que só pode existir a partir da burocracia, o criminoso que sempre alega apenas cumprir ordens. Eichmann se orgulhava em ser um fiel cumpridor de ordens, perante a corte afirmou ser “inocente, no sentido da acusação” (ARENDR, 1999, p. 32), pois nada do que foi executado por ele foi planejado por ele, era apenas o cumprimento do seu dever e da lei, portanto não era um crime do indivíduo e, sim, um crime do Estado. Porém, Arendt ressalta a importância de se diferenciar a banalidade da inocência e da normalidade, pois o indivíduo que entrega sua crença e confiança ao sistema de forma cega está abrindo mão de sua reflexividade, portanto não existe inocência, mas, sim, consentimento e cumplicidade.

O mal banal, como na Europa nazista e no mundo distópico de *Men Against Fire*, só é possível a partir da adesão e consentimento da grande maioria da população. Para que um sistema legalize e institucionalize o genocídio é preciso que a população civil entregue ao Estado seu poder de reflexão. Em *Eichmann em Jerusalém*, Arendt relata como foi a filiação do oficial nazista ao Partido:

De toda a forma, não entrou para o Partido por convicção nem jamais se deixou convencer por ele – sempre que lhe pediam para dar suas razões, repetia os mesmos clichês envergonhados sobre o Tratado de Versalhes e o desemprego; antes, conforme declarou no tribunal, ‘foi como ser engolido pelo Partido contra todas as expectativas e sem decisão prévia. Aconteceu muito depressa e repentinamente’. Ele não tinha tempo, e muito menos vontade de se informar adequadamente, jamais conheceu o programa do Partido, nunca leu *Mein Kampf*. Kaltenbrunner disse pra ele: Por que não se filia à SS? E ele respondeu: Por que não? Foi assim que aconteceu, e isso parecia ser tudo. (ARENDDT, 1999, p. 45)

A filiação de Eichmann à SS nos remete ao alistamento de Stripe, ao consentimento que a figura histórica e a personagem dão a sistemas que consideravam peritos e, a partir daí a obediência esteve acima da razão. Os dois casos não se tratam de falta de sanidade dos indivíduos, mas revelam a desumanização dos sujeitos que sistemas totalitários alcançam, ao conseguirem unir administração e massacre.

A filósofa afirma que uma das principais características da desumanização causada nos indivíduos que vivem a obediência dos sistemas totalitários é o fato das pessoas não tentarem olhar mais o ponto de vista do outro, dessa forma a tecnologia e obediência superam a empatia, leva à inversão da moral coletiva e à “decadência moral de uma nação” (ARENDDT, 1999, p. 126). Além disso, a transferência da culpa para o sistema ou para o Estado leva os cidadãos a “lavarem suas mãos”,

“Naquele momento, eu tive uma espécie de sensação de Pôncio Pilatos, pois me senti livre de toda culpa.” Quem haveria de ser o juiz? Quem era ele para “ter suas próprias ideias sobre o assunto?” Bem, ele não era o primeiro nem o último a ser corrompido pela modéstia. (ARENDDT, 1999, p. 130 grifo da autora).

Apesar da sensação de “Pôncio Pilatos”, os indivíduos envolvidos com o terror e com a eliminação do suposto inimigo, de certa forma sentem-se pertencentes a algo maior do que eles; sentem que podem ter o nome escrito na História, ainda que como assassinos. Tanto Eichmann quanto Stripe foram convidados a fazer parte de algo maior, foram convidados a entrar para a História. A ideia da classe dominante toma conta da ideia coletiva, e os sujeitos sentem-se impulsionados a fazerem parte do que acontece, de seguirem o que naquele contexto não é apenas o normal, mas também o correto; a ponto de superarem a empatia, que os seres humanos supostamente deveriam ter uns para com os outros.

O racismo se torna, então, arma poderosa. O pensamento racista faz com que o alvo do preconceito seja completamente desumanizado, bestializado, não seja considerado um

semelhante. Tanto o antissemitismo europeu, quanto o ódio às “baratas” da ficção, partem de um mesmo princípio: a ideia de que aquela raça não é humana, e que o futuro da verdadeira raça humana depende da eliminação de todo o mal e perversidade existentes na raça corrompida. Arendt ressalta de que forma o pensamento racista foi determinante para o estabelecimento da ordem totalitária, centralizada na figura de Hitler,

Pois se o hitlerismo exerceu tão forte atração internacional e intereuropeia durante os anos 30, é porque o racismo, embora promovido a doutrina estatal só na Alemanha, refletia a opinião pública de todos os países. Se a máquina de guerra política dos nazistas já funcionava muito antes de setembro de 1939, quando os tanques alemães iniciaram a sua marcha destruidora invadindo a Polônia, é porque Hitler previa que na guerra política o racismo seria um aliado mais forte na conquista de simpatizantes do que qualquer agente pago ou organização secreta de quinta-colunas. [...] os nazistas sabiam que o melhor meio de propagar a sua ideia estava na política racial [...] (ARENDR, 2012, p. 233)

O racismo, assim como a tecnologia da máscara usada pelos soldados de Black Mirror, faz com que a empatia seja superada, faz “uma pessoa mediana superar sua repugnância inata pelo crime” (ARENDR, 1999, p. 109), transforma homens medianos, e até mesmo medíocres, em máquinas de matar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hannah Arendt dedicou grande parte de sua vida à tentativa de compreensão da questão do mal nos tempos sombrios em que viveu. Porém, somente após a experiência do julgamento de Adolf Eichmann a filósofa se convenceu de que o mal precisa ser tratado como uma questão política, e que a “banalidade do mal”, termo cunhado por ela, é uma fenômeno social típico da modernidade. Isso não o torna normal, tampouco faz dos indivíduos envolvidos em assassinatos em massa inocentes; pelo contrário, estes se constituem em agentes de seu tempo.

O episódio Men Against Fire, de Black Mirror, chama a atenção para o que Arendt alertou em seus tratados filosóficos sobre o mal: genocídios como o Holocausto podem voltar a acontecer, desde que exista novamente solo fértil para que ideias fascistas sejam plantadas, pois a consciência é construção social, não é individual, nada tem de natural.

A pretensão do desprendimento de valores da ciência moderna, como afirma Bauman, cria condições para o que ele chama de engenharia social, ilustrado de forma muito clara no episódio supracitado, no qual o higienismo social utiliza as ciências naturais e biológicas para

se sustentar, justificando um “genocídio necessário”, visando um bem maior: a “limpeza racial”.

Vale salientar o caráter ensaístico deste trabalho, não tendo assim a pretensão de formular qualquer teoria, mas somente propor uma reflexão teórica acerca da modernidade e da questão do mal como caráter social, e não biológico ou metafísico, a partir da filosofia arendtiana, das contribuições sociológicas de Bauman e Giddens, e a ilustração televisiva feita pela série britânica *Black Mirror*.

REFERÊNCIAS

Referência Audiovisual

MEN Against Fire. Dirigido por Jakob Verbruggen *In: BLACK Mirror: The third full season*. Criada por Charlie Brooker. Londres: Netflix, 2016. 1 ep. on-line (60min), color.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Origens do totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991